

## SUMÁRIO

Prefácio	9
Bibliografia prévia	13
I O Novo Mundo e o Império Universal	23
II Antônio Vieira perante a Inquisição	39
III A <i>Clavis Prophetarum</i> e a <i>História do Futuro</i> : a origem do grande equívoco	49
IV Sob o signo da profecia: o período romano e o Quinto Império	81
V De Lisboa à Bahia: a última mão no grande projeto	93
VI Os acontecimentos finais relativos à <i>Clavis Prophetarum</i> e a disputa sobre a sua publicação	105
CONCLUSÕES	119
DOCUMENTOS	123
1 Índice da carta <i>Esperanças de Portugal</i>	125
2 Índice dos fragmentos encontrados por Lúcio de Azevedo e catalogados como <i>História do Futuro</i>	127
3 Índice da <i>Apologia das Coisas Profetizadas</i>	129
4 Plano da <i>História do Futuro</i>	131
5 Índice da <i>Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício</i>	137
6 <i>Clavis Prophetarum</i> , índice do ms. 706 da Biblioteca Casanatense de Roma	141
7 <i>Clavis Prophetarum</i> , índice do ms. 354 do Arquivo da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma	151
8 Carlo Antonio Casnedi, <i>Sententia</i> . Edição e tradução de Simone Celani	163
Antônio Vieira: cronologia da vida e das obras	253

## PREFÁCIO

Dar uma avaliação exata e aprofundada do pensamento e da obra do jesuíta Antônio Vieira (1608-1697), figura vigorosa e complexa, personalidade capaz de harmonizar a herança da tradição clássica e da *Ratio Studiorum* com as poéticas, as retóricas e os códigos comunicativos da idade barroca num grandioso esforço de sistematização das múltiplas problemáticas que davam vivacidade ao panorama da sua época, é tarefa que se apresenta certamente não sem dificuldades. Todavia, o trabalho é de grande atualidade numa época como a nossa, que parece retomar daquele distante passado tanto o fascínio como as tormentosas contradições. Na verdade, a biografia do grande pregador se apresenta como um perfeito paradigma dos estímulos e dos fermentos de seu tempo: Vieira passará cinquenta anos da sua longuíssima vida no Brasil; quase quarenta junto à corte portuguesa, numa intensa atividade diplomática nas principais metrópoles européias (além de Lisboa, Paris, Haia, Amsterdã e, sobretudo, Roma). Atravessará o oceano nos dois sentidos, enfrentando tempestades e naves corsárias, sete vezes: a primeira, ainda menino, com apenas seis anos; a última, no retorno definitivo ao Brasil, em 1681, quando já tinha 73 anos. Promotor de uma visão solidária e universal do Cristianismo, bateu-se sempre por uma abertura religiosa e política em relação aos hebreus e se empenhou praticamente por toda a vida na defesa dos habitantes do Novo Mundo. De 1663 a 1667 foi processado, encarcerado e condenado pela Inquisição; condenação, todavia, jamais aceita por Vieira que lutará até o fim pela revisão do processo. Será, ainda, autor de mais de duzentos sermões que, além do inerente valor intelectual, são autênticas preciosidades da oratória barroca seiscentista; a *Clavis Prophetarum*, obra ainda hoje desconhecida pela maioria dos estudiosos, representa um gigantesco monumento do pensamento histórico, jurídico e religioso do período, e não apenas dele.

Com Vieira, portanto, a experiência dos Descobrimentos, com

a vocação para mundos longínquos e uma moderna visão universalista que não renuncia às matrizes clássicas, mas nelas insere a experiência de novos povos e novas tradições, lança um olhar diferente para a Europa num momento em que o velho continente, depois de ter abalado o mundo com a sua iniciativa expansionista, é por sua vez agitado pelos reflexos políticos, culturais e religiosos conseqüentes àquela iniciativa. De um lado, as correntes utopistas (Erasmus, Thomas More, Campanella), e também a nova antropologia relativista de Montaigne; de outro, uma Contra-Reforma que busca controlar drasticamente os efeitos mais revolucionários, determinados pelo encontro com novos povos e novas culturas. A trágica fogueira de Campo de' Fiori que em 17 de fevereiro de 1600 ilumina com as suas chamas sinistras um novo século que Giordano Bruno não poderá ver, parece também reduzir definitivamente a cinzas os infinitos mundos revelados pelas viagens e pelas descobertas. No entanto, quando Galileu começa a perscrutar o céu com a sua luneta (o *Sidereus Nuncius* é de 1610), para além da esfera do fogo tolemaica, tem-se logo a sensação de uma nova e inesperada ultrapassagem das Colunas de Hércules; e no céu, desta vez. Assim como fora para Colombo, que mais de um século antes tinha ampliado desmesuradamente os horizontes do mundo conhecido, vai-se gerar um novo tempo de expectativas messiânicas em um século – nisso semelhante ao nosso – que talvez tenha perdido muitas âncoras da sua identidade, mas que dispunha, em compensação, de muitas versões do possível. Paolo Rossi falou nesse sentido de uma República ideal, uma República da Ciência (nós diríamos mais em geral do Saber) “que construiu faticosamente um seu espaço em situações sociais e políticas sempre difíceis, freqüentemente drásticas, muitas vezes trágicas”.<sup>1</sup>

A esta República ideal certamente pertence também o humanismo de Antônio Vieira, o seu senso da história, a sua busca por novas e mais livres relações entre religião, filosofia, política e ciência, a sua luta tenaz e jamais abandonada pelos direitos dos indivíduos e dos povos, a sua revolta contra os abusos do poder, o seu esforço por fazer reviver aquela esperança que representa uma vitória sobre o tempo

---

<sup>1</sup> P. Rossi, *La nascita della scienza moderna in Europa*, Laterza, Roma-Bari, 1997, p. IX.